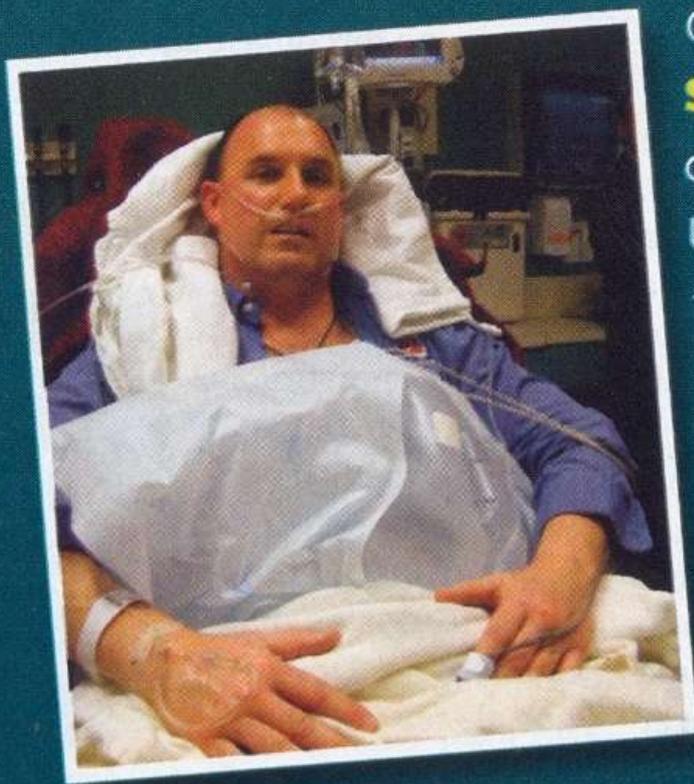


# Reflexões sobre um milagre



O passageiro **Dave Sanderson**, um dos heróis da queda do voo 1549 da US Airways, nos põe a par dos fatos dramáticos ocorridos no avião que mergulhou no gelado Rio Hudson, em Nova York – e todas as 160 pessoas a bordo sobreviveram.



**Viajo mais de 150 mil quilômetros por ano e passo muito tempo no ar. Costumo pegar voos que partem tarde, depois que termino meu trabalho como gerente de vendas da Oracle.**

Em 15 de janeiro estava com a passagem do voo das 17h de Nova York para Charlotte, na Carolina do Norte. Mas às 11h30 já resolvera tudo. Liguei para a agência de viagens e me puseram no voo das 15h25 – voo 1549 da US Airways. Um voo normal de volta para casa. Dali a uma hora e meia estaria de novo em terra; duas horas depois, com minha mulher e meus filhos.

Estávamos no ar havia uns 90 segundos quando o motor esquerdo explodiu. Eu me encontrava daquele lado, na poltrona 15A. Ouvi a explosão e vi as chamas pela janela. Mas não

percebi que tínhamos perdido os dois motores e toda a força.

Instalou-se um silêncio total. Todos olhavam em volta, sem saber o que fazer. Passamos por sobre algo; depois me disseram ter sido a Ponte George Washington. Voávamos muito baixo. Eu não parava de ver a água e os prédios de Nova York se aproximando. Pensei que provavelmente o piloto teria de pousar no Rio Hudson. Dali a uns 30 segundos, talvez menos, ele disse: “Preparem-se para o impacto.” Olhei em volta. Algumas pessoas davam os braços a outras, e houve quem se agachasse. Todos rezavam enquanto o avião descia.

Pus os braços em torno da cadeira à minha frente e comecei a rezar. Dali a dez segundos, caímos na água.



Alguém gritou para mim: “Você tem de se levantar e andar! Tem de se mexer!”

**Disse a mim mesmo:** *Estou vivo! Tenho de sair daqui!* Todo mundo pensava a mesma coisa. Quase imediatamente, a água nos chegou aos tornozelos. Fiquei perto da saída, ajudando os outros a subir na asa. Queria me certificar de que ninguém ficaria para trás.

Vi uma senhora nos fundos tentando pegar a mala e a bolsa. Gritei-lhe que esquecesse a bagagem. Ela não me deu ouvidos. Levou a mala e a bolsa pelo corredor até a asa molhada e escorregadia, mas aí deixou as duas caírem dentro d’água. Peguei a bolsa para ela.

Nessa hora, eu estava com um pé no avião, outro na asa, e escorregando. O pequeno bote salva-vidas inflável do avião já se achava praticamente lotado. E todo mundo se amontoava em ambas as asas, lutando para se manter em pé.

Uma mulher não conseguia pular para o barco salva-vidas porque estava com um bebê de 9 meses no colo e tinha medo de entregar o filho aos outros. Eu lhe disse que jogasse o bebê para as mulheres do barco salva-vidas, a menos de um metro de distância. Entretanto ela estava apavorada e se recusava a entregá-lo.

Havia um risco enorme de a mulher escorregar da asa. Se ela e o bebê caíssem no rio gelado, a criança poderia morrer. A temperatura era de 10 graus negativos, e a água estava a quase zero grau. Ninguém aguentaria mais do que dez a 15 minutos. Por fim, ela jogou o bebê para as pessoas do bote salva-vidas, e conseguiu embarcar sã e salva.

A correnteza era fortíssima, e tive medo de que virasse o bote. Por isso

me agarrei na aeronave com uma das mãos e no bote com a outra. Em uns sete minutos, veio um pequeno rebocador, e a tripulação jogou uma corda para o bote salva-vidas. Mas, quando fez a volta para retornar à margem, bateu no avião. O aparelho balançou debaixo de mim e senti a água gelada me atingir as costas.

De repente me lembrei do *Titanic* e de como afundara direto na água gelada. Pensei: *Tenho de sair desta asa*. Começaram a chegar balsas. Pulei na água e tentei nadar até uma delas. Mas só consegui dar seis ou sete braçadas. Finalmente, dois homens agarraram meus braços e me puxaram. Escorreguei talvez uns três metros pelo convés da balsa, no gelo que se formara.

Alguém gritou para mim: "Você tem de se levantar e andar! Tem de se mexer!" Levantei-me, mas tive muita dificuldade para andar. Esbarrava em tudo, estava sem equilíbrio. Mal conseguia mexer as pernas. E sentia muito frio. Embora estivesse fora d'água, eu estava longe de me livrar do frio. E percebi que poderia morrer de hipotermia.

Quando chegamos ao cais, ainda estava congelado da cintura para baixo e minha pressão disparara. Os paramédicos disseram que corri o risco de ter um infarto ou um acidente vascular cerebral.

No hospital, as enfermeiras logo descobriram que a minha temperatura estava baixa demais, abaixo de 35 graus. Enrolaram um cobertor térmico em mim. Nisso, chegou um capelão

do hospital e, pela primeira vez, desmoronei. Ele e eu rezamos juntos e tivemos uma conversa bem longa. Depois, ele foi até o saguão telefonar para minha mulher, Terry, e dizer que eu estava bem.

**Terry é a minha heroína.** Ela cuidou das crianças enquanto tudo virava um inferno naquele dia. E depois do acidente a minha família foi afetada de um jeito espantoso. Chelsey, minha filha mais velha, é adolescente, e aos 17 anos parece que os velhos pais já não têm importância. Ela, porém, declarou a um jornal: "Estou mais grata do que nunca por ter o meu pai." Todo dia ela conversa comigo, estamos bem unidos. Colleen, de 15 anos, tem se aproximado de mim mais do que nunca, para me dizer que me ama, e vive me mandando torpedos. Courtney, a de 11, me abraça toda hora que me vê. Chance, meu filho de 7 anos, parece o menos afetado, mas certa noite, quando o levei para a cama, ele me perguntou o que era um acidente de avião.

A mão de Deus esteve sobre todos nós. Foi Ele quem me deu a coragem necessária para ajudar os outros a sair do avião, e deu ao nosso piloto, Chesley Sullenberger, a força para fazer um pouso perfeito na água. Todos os 155 passageiros e os cinco tripulantes sobreviveram.

Houve 160 heróis naquele avião, e outros mais nos barcos, porque, se todos não tivessem feito a coisa certa na sequência certa, o resultado teria sido totalmente diferente. ■